

Aritmética do lucro na equação da Academia

Favoritos ao Oscar de Melhor Filme deste ano nem de longe arranham a marca do bilhão, que só dois vencedores da categoria ultrapassaram em toda a História

RODRIGO FONSECA

Especial para o
Correio da Manhã

Embora tenham enchido os cofres da Warner Bros. de dólares, os dois longas-metragens com mais fôlego para conquistar o Oscar de Melhor Filme, neste domingo, “Pecadores” e “Uma Batalha Após A Outra”, não passaram a barreira do bilhão (de faturamento), hoje tão esperada pelo mercado exibidor. O longa de Ryan Coogler custou US\$ 100 milhões e faturou US\$ 370 milhões. O de Paul Thomas Anderson custou cerca de US\$ 130 milhões e arranhou US\$ 210 milhões, compensando-se mais e melhor com o tanto de consagração que recebeu. Em



“Titanic” é o ganhador do Oscar de Melhor Filme que obteve o maior faturamento da história: US\$ 2,2 bilhões

98 anos de História, o ganhador da láurea de maior relevo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood que mais faturou foi “Titanic” (1997), de James Cameron, com US\$ 2,2 bilhões. Na sequência de arrecadação, o segundo lugar ficou com “O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei” (2003), de Peter Jackson, com US\$ 1,1 bilhão. O terceiro do pódio é o único representante desta década (pós-pandemia), “Oppenheimer” (2023), de Christopher Nolan, que rendeu US\$ 975,7 milhões.

Já teve ganhador dessa categoria que fez História por simbolismos políticos, mas não reverteu o prestígio em lucratividade. É o caso de “Guerra Ao Terror” (“The Hurt Locker”), o primeiro filme a render um Oscar de Melhor Direção a uma mulher (no caso Kathryn Bigelow). Custou US\$ 15 milhões e faturou US\$ 49 milhões, entre 2009 e 2010. Pagou-se, lucrou, mas nem de perto arranhou a marca de sucessos de outrora como “Forrest Gump”, quarto colocado na lista dos vencedores da estatueta de

Melhor Filme, com US\$ 680 milhões. O quinto posto é de “Gladiador”, com US\$ 460,5 milhões.

Entre os representantes da Hollywood clássica, anteriores à década de 1950, o único vencedor do troféu de Melhor Filme a entrar entre as maiores acumulações na venda de ingresso é “...E O Vento Levou” (1939), com US\$ 402 milhões. Já o ganhador recente que menos fez dinheiro foi “CODA”, aqui chamado “No Ritmo do Coração”, que entrou nas telas na pandemia. Somou só US\$ 1,9 milhão, uma vez que sua

carreira mais longa se fez no streaming, na Prime Video.

Das produções não anglo-americanas que foram eleitas Melhor Filme, a sul-coreana “Parasita” (2019) custou US\$ 11,4 milhões e arrecadou US\$ 262,5 milhões, e a francesa “O Artista” (2011) gastou US\$ 15 milhões para sair do papel e contabilizou US\$ 133 milhões.

“Ainda Estou Aqui”, que nos rendeu o Oscar no ano passado, na categoria Melhor Filme Internacional, vendeu 5,8 milhões de entradas no Brasil e trouxe US\$ 36,4 milhões para casa.

Amélie chega aos 45 minutos do segundo tempo

Entre os concorrentes ao Oscar de 2026 que mais (e melhor) reverberaram por festivais no exterior, o último a chegar entre nós é “A Pequena Amélie” (“Amélie et la Métaphysique des Tubes”), um desenho animado franco-belga de Mailys Vallade e Liane-Cho Han. Estreia neste fim de semana. Brilhando no páreo de Melhor Animação. Passou por Cannes e por San Sebastián cercado-se de

loas. Nesses eventos europeus, a adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos - tornou-se um ímã de aplauso.

“Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina”, disse Mailys ao Correio da Manhã em San Se-



A Pequena Amélie desafia a hegemonia da Disney na corrida pelo Oscar de animação

bastián, celebrando os holofotes dados a uma dramaturgia animada que a Disney não mostra. “O meio de abordar a compreensão das diferenças, em nossa trama, passa por

traumas e o debate sobre expatriação na busca por identidade”.

Espécie de Cannes para a classe profissional de animadores, Annecy, festival francês realizado em junho, deu a Láurea do Público para “A Pequena Amélie”. Sua protagonista não se leva a sério,

mas sofre com isso. Até aos dois anos e meio, Amélie se descreve como um tubo digestivo, inerte e vegetativo. Então, surge o acontecimento seminal que a mergulha na micareta de descobertas que é ser criança. Durante os seis meses seguintes, ela descobre a linguagem e aprende a lidar com seus pais, com seus irmãos e com suas irmãs. Acha um paraíso no seu jardim e, lá, demarca suas paixões: o Japão (onde nasceu e onde vive) e a água. “Esse filme custou em torno de 9,3 milhões de euros e começou a ser desenvolvido há sete anos com 150 profissionais, trabalhando de locais diferentes da França, onde o sistema de fomento nos assegura liberdade pra inventar”, disse Mailys. (R. F.)